Visella 18 de Outubro de 1906

O VISELLENSE

FUNDADOR — Braulio Caldas

HOMENAGEM DE SAUDADE

LAGRIMAS

Por entre os amargores da saudade que ha já tres annos nos tortura, vimos hoje prestar homenagem humilde de sentimento á memoria de dois amigos queridos — os Drs. Pereira Caldas e Braulio Caldas — amigos roubados tão cedo pela Morte ao coração d'aquelles que, movidos pela mais santa das amisades e pela mais significativa das dedicações que lhes tributaram em vida, jámais olvidarão esse convivio de tantos annos, em que sempre havia duas almas cheias de fé, a derramarem bondade por sobre nós que os amavamos.

A saudade immensa legada ao nosso espirito pela morte do Dr. Pereira Caldas era uma saudade incompleta, — deixem-nos assim dizer.

Faltava-lhe então aquelle fel que nol-a veiu tornar mais pungente e mais amarga após a morte do Dr. Braulio Caldas, director d'este jornal que fundou n'um impulso de veneração pela terra onde elle e o tio, o seu estremecido tio, haviam nascido.

Grande era a saudade que o Dr. Braulio Caldas sentia pelo velhinho e pelo sabio, saudade que lhe foi minando a existencia lentamente, saudade que lhe havia roubado a alegria, aquella alegria que sempre lhe pairava no rosto, aquelles sorrisos que tão sympathico o tornavam á nossa alma!

E foi essa pungentissima saudade, essa magua profunda, que lhe roubou tão cedo a vida, que ha um anno, na sua adorada Visella, o prostrou no leito mortuario.

O que se passou então no nosso espirito ao termos conhecimento do seu passamento quasi não o podemos descrever.

Uma chuva de lagrimas saudosas nos cahiu no peito e uma dôr aguda nos feriu inclemente, emquanto a voz da consciencia nos dizia: — A dôr é tanto maior quanto maior a amisade: soffrei, — chorae!

E ainda hoje soffremos, — ainda hoje choramos.

.....

Hontem pranteou aqui o nosso inolvidavel director a morte de seu estremecido tio; hoje vimos nós prantear a morte de Braulio Caldas, — vimos prestar-lhe a homenagem sentida da nossa amarissima saudade.

Dr. Braulio Lauro da Silva Pereira Caldas

Por sobre a sua campa espalhamos hoje violetas, e de violetas matisamos a lyra não mais dedilhada pelo sentimental cantor.

Dr. Braulio Caldas: — foste um grande poeta, um jurisconsulto distincto: — honraste a tua terra natal!

Dr. Pereira Caldas: — derramaste muita fé e muita luz, — foste duplamente sabio; Visella ainda deplora a tua morte.

Amigos: bemdita seja a vossa memoria!

A Redacção.

Infeliz Braulio! Tão moço e com tanta vida intellectual, dedicada á cultura das bellas e das boas lettras, teve de obedecer á lei da morte, quando ainda sonhava, como poeta, e sentia o insaciavel desejo de saber e de ensinar, como philosopho e professor. Modesto e bom, crêmol-o em descanço e paz no seio do Eterno. Mas nem por isso deixemos de orar a Deus pelo sincero amigo.

Braga, 18—X—906.

Conego Corrêa Simões.

Andorinhas mansas

A poesia inedita que se segue é allusiva ao facto da reprovação do finado no 5.º anno da faculdade de Direito, e foi recitada pelo auctor no extincto theatro D. Luiz, em Coimbra, na noite da recita de despedida, em 1889.

E' uma bella poesia repassada toda de mysterio e de saudade, em que a alma de Braulio Caldas se retrata perfeitamente na sublimidade da inspiração e na melodia das rimas.

Parti, não como o sol que morre no horizonte
Languidamente triste n'uma tristeza austera.
Parti alegremente e levantai a fronte
Aos beijos maternaes de alguem que vos espera.

Se a saudade vos torna a festa magoada,
E' bello, esperançoso, o sol que vos sorri.
Conquistai o porvir p'ra vossa terra amada:
Andorinhas da sciencia, esvoaçai, parti.

Mas antes de partir com os louros da victoria
Que hoje vos faz sorrir e que vos faz chorar,
Ouvi, serenamente, esta singella historia
Que eu, saudoso e triste, aqui vos vou contar.

N'uma manhã de Abril, n'uma manhã formosa
Em que a aurora esbatera em tintas de ouro e rosa
Na palêta do Azul o anil do firmamento,
Como poeira de oiro ali espalhada ao vento,
— Via-se, muito ao longe, a vacillar, na altura,
Uma nuvem serena e caprichosa .. escura,
Crescendo a pouco e pouco a ouvir-se mais e mais
N'um doce gorgear de cantos matinaes.
Depois illuminada nos raios da alvorada,
Desceu, alegremente, a multidão alada,
A demandar a terra, a construir esperanças.
.....
Era o bando gentil das andorinhas mansas.

* * *

Tinha passado a rir a vida trabalhosa
A construir o ninho, a cella velludosa
Onde germina o amor, a doida phantasia
Das aves, a cantar a alegre melodia,
Os bellos madrigaes do sol da Primavera,
Que enlaça no rochedo a voluptuosa hera,
Laço d'aquelle Amor, d'aquellas esperanças
Que trouxeram d'alem.. as andorinhas mansas.

Depois aquelle bando, a multidão alada,
Preparava-se alegre e já para a jornada
Que fica alem do mar... d'onde ella vê sorrir
As tristezas do inverno, o sol do seu porvir...

N'aquelle esvoaçar inquieto, presuroso,
Havia um doudejar... uma expansão de goso
D'aquelles corações, cantando, na partida,
A saudosa canção da sua despedida!

* * *

A mais timida, então, sósinha, esvoaçando...
Pouco e pouco subiu... perdera-se do bando
Pelas nuvens de arminho á busca de um regaço,
Como a pluma levada ao vento pelo espaço...
Uma ave colossal que o odio e o sangue nutre
Pairava no azul.. um temeroso abutre
Sedento de vingança, esqueletico, esfaimado,
Como uma mancha enorme em livro immaculado
Esvoaçou-lhe em roda... e de olhar penetrante,
Ferindo como fere o vidro o diamante,
Dissera-lhe raivoso: O espaço não redime
A ave de outro ceu e que se alara ao crime
Poisando no meu throno, o sol da realesa,
D'onde eu domino sempre o espaço, a Natureza.

E ella coitadita! exánime, a tremer,
Balbuciou-lhe a medo: é tanto o meu soffrer.
— Se soubesses, então, a solitaria vida
Que eu passaria lá... tão pobre e desvalida,
Sem ter ninho... sem pão... sem luz, sem agasalho,
Sem o calor do sol e a frescura do orvalho...
—E' tão triste o inverno, a aldêa é tão agreste...
Já vai caindo a neve e sopra o vento leste...
Ceifaram os trigaes, colheram as cearas,
As mialhas de pão agora são avaras...
Que pena dos pardaes! da dôr que os consome
A tiritar de frio e a morrer de fome!
Ah! deixa-me voar... voar continuamente,
Aquecer-me ao calor do sol resplandecente
Que entorna aureos crystaes, purissimos de luz,
Gerados pelo Verbo Eterno de Jesus!
— Longe da minha terra eu vim buscar esperanças
— Sou do bando gentil das andorinhas mansas.

*
* *

E o abutre rasgou-lhe as pequeninas azas
No gume dos punhaes das venenosas garras,
E a pequenina ave em tremulos adejos
Cahira estrebuchando aos derradeiros beijos
Dos astros sideraes nas azas aniladas
Com reflexos de ouro e agora ensanguentadas.

*
* *

E a terra estremeceu, tristissima, absorta,
Como quem vê tombar uma esperança morta,
E disse ao vêr rolar a ave pelo chão:
E' triste vêr pregar as taboas de um caixão.

Não tinha inda partido o bando jovial
Que se juntara ali, fazendo o funeral
Da companheira infeliz que balbuciou gemendo
O derradeiro adeus!
Morta de um crime horrendo.
Bohemias do amor esvoaçai... parti.
Eu não posso voar... hei-de morrer aqui...
Não mais pertencerei a esse bando, nunca!
Feriu-me cruelmente aquella garra adunca
Por eu querer ir comvosco andorinhas do Sul.
Por querer voar... voar ás regiões do azul.

*
* *

E partira sem ella alimentando esperanças
Esse bando gentil das andorinhas mansas.

Anniversario saudoso!

Um anno já passou sobre a morte do Dr. Braulio Caldas, e a sua memoria conserva-se ainda viva e brilhante no livro eterno da saudade!

Conserva-se e perdurará, porque as flôres da amisade não murcham: ostentam sempre a mesma graça e belleza, e não ha vento, por mais frio, que lhes açoite as faces setinosas!

Lancemos, pois, muitas saudades sobre a campa do poeta illustre, do amigo dedicado, e do filho querido, que amou entranhavelmente a sua familia, para quem vivia de alma e coração.

Se todas as suas qualidades nol-o recommendam, esta sobrepuja a todas em valor, porque nos mostra uma alma feita de amor e de carinho!

Padre Ribeiro Braga.

UM ANNO DEPOIS

Um anno é passado desde que por uma manhã pallida e triste d'outomno, no pequeno cemiterio que do alto da encosta espreita, por entre a ramaria amarellecida das arvores, a linda povoação de Vizella, uma pedra tumular, muda e pesada, guardou para sempre no seu seio gelido os despojos queridos que a Morte deixou do meu, do nosso pobre e saudoso amigo Dr. Braulio Caldas.

Um anno de luto e de lagrimas, um anno de saudade e de tristeza, um anno todo do arrastar dia a dia, hora a hora, todo o acerbo pungir de uma dôr que não morre nunca, que não acaba nunca, que não esquece nunca, um anno longo como um seculo e... parece que foi hontem! Sinto ainda o estremecer involuntario de Vizella, da Vizella tam querida do pobre Braulio, quando a noticia breve, secca e terrivel correu de extremo a extremo a formosa povoação:

—Morreu o Braulio!

Não houve coração que não sangrasse nem olhos que não se humedecessem: foi uma explosão subita de dôr verdadeira e grande. Vizella chorou-o como uma boa mãe póde chorar o seu filho mais querido e em quem sente viver um amor acrysolado e unico; amor maior que todos os amores e que a todos suplantava e vencia.

Numerosos amigos accudindo de varias partes do pays, levavam-o, chorando da casa onde ficavam, viuvos do seu carinho, uns velhos paes já quasi asphixiados por muitas maguas e um irmão que lhe queria como se n'esse afecto conglobasse tudo quanto um coração de homem póde amar no mundo.

E deixaram-o no pequeno cemiterio, amortalhado com flôres e ungido de lagrimas tam puras e tam santas como poucas teem sido choradas sobre um tumulo.

Já lá vae um anno e... parece que foi hontem...

A dôr não tem edade; é sempre pungente. Chora-se hoje como se chorou hontem e as lagrimas de amanhã sam as mesmas de hoje.

Uma sepultura fecha-se apenas para os olhos do corpo: aos do espirito fica sempre escancarada e hiante, patenteando bem em todo o horror da sua realidade imponente um cadaver que dorme enfaixado em rendas e amortalhado de flôres o seu somno eterno, mutavel, sereno.

A decomposição da materia mesmo nada é ante a vista penetrante e pertinaz do espirito. O corpo está ali sempre de olhos cerrados, as mãos cruzadas sobre o peito e os labios firmes como que a abafar o supremo adeus da grande despedida.

E' esta a unica, a verdadeira consolação para as almas profundamente feridas por essas enormes avalanches de dôr que esmagam tudo, que derrubam tudo, que aniquilam tudo.

Uma explosão de alegria passa como um sonho bom; sahe-se d'ella como se desperta de uma embriaguez do hatchis, não conservando mais que leves reminiscencias que o tempo vae apagando lentamente até as varrer de todo. Uma dôr verdadeira, grande, profunda, ainda que expandida em lagrymas e em soluços, anicha-se na alma e ahi se enraiza, e ahi fica, talvez latente, mas sempre viva e duradoira, vivendo com essa alma, chorando com ella, fazendo parte d'ella mesma até voar com ella, um dia a esconder-se n'uma outra alma que saiba sentir e chorar o da qual se apossa tambem.

Não choramos nós tanta vez, as tristezas que choravam aquelles por quem ora choramos?

Não sofremos nós os seus passados males como se nossos fossem e bem presentes?

Lisboa, 16 de Outubro de 1906.

F. Neves Pereira.

BRAULIO

Vizella, essa povoação tão conhecida pelas suas aguas thermaes, e pelos seus tão pittorescos arredores, tem tambem direito a ser conhecida por alguns de seus filhos, e realmente o é.

Refiro-me ao Dr. Pereira Caldas, que passou a sua larga existencia a estudar, e a ensinar a successivas gerações de alumnos isso que aprendera, conseguindo pelos seus trabalhos de antiquario e de bibliophilo, que o seu nome transpozesse as fronteiras; refiro-me a Dias Freitas, que, ainda em plena virilidade, se partiu d'esta vida, legando á sua patria uma delicada poetiza, sua filha, D. Aurora Beatriz Dias Freitas, e á litteratura portugueza numerosos escriptos, e entre elles a *Grinalda Christã*, esse seu ultimo livro de versos, que lhe define a alma, o caracter e o talento; — refiro-me, finalmente, a Braulio Caldas, cujo passamento é hoje commemorado n'este jornal, que elle patrioticamente fundara.

A arte é longa e esse poeta, que trazia na face convulsionada um como que tragico reflexo do mal que lhe minava a existencia, morreu ainda em plena mocidade, sem ter tempo de se amestrar na mais que todas difficil arte do verso. Tinha, porém, o seu espirito aberto a todas as manifestações do bello, e d'ahi vem que as suas producções poeticas, se não têm uma fórma impeccavel, são commovidas, sinceras, e dignas de ser archivadas.

Vizella, perdendo-o prematuramente, perdeu um dos seus filhos mais talentosos.

Lamente-o ella, como todos nós que o conheciamos e amavamos, sinceramente lamentamos!

18—X—06. *João Penha.*

BRAULIO CALDAS

Ainda hoje me parece um sonho o seu passamento!

E comtudo ha um anno que deixou de bater dentro d'um peito amigo aquelle bondosissimo coração.

Um anno passou já desde que essa bella alma desappareceu para sempre d'este mundo d'enganos e de perfidias.

E tu meu querido e chorado morto fôste uma das maiores victimas d'essas perfidias e d'esses enganos.

O teu nome jámais se apagará da minha memoria.

Para mim o teu nome é o nome d'um santo, o nome d'um martyr.

Passaste por esta via dolorosa amando estremecidamente teus paes e teus irmãos, e trabalhando sempre, até ao sacrificio, pelo bem da humanidade que nunca te quiz comprehender.

Guimarães, 17 de Outubro de 1906.

Antonio Infante.

BEMDITOS

«Viandante! leva as lagrimas e as flôres;
Lê só, dobra o joelho, adora.....

Castilho.»

«Regeu.....
Honrou as musas, poetou, e leu.

Antonio Ferreira.»

HONRAR a memoria dos que nos foram queridos é um dever imposto pela propria consciencia; venerar as cinzas d'aquelles que foram grandes pelo talento e pela alma, pela intelligencia e pela bondade, é o testemunho mais solemne que poderemos dar do amor que em vida consagravamos a quem soube conquistar a sympathia e o respeito dos outros, á custa d'um labutar constante no immenso oceano da Sciencia ou no grande mundo da Litteratura e da Arte.

Prestar homenagem á memoria dos drs. Pereira Caldas e Braulio Caldas, com palavras sinceras e sentidas, com phrases que retratem bem uma dôr, com periodos que revellem nitidamente uma saudade, é o mais sublime dos cultos tributados a duas almas genuinamente boas, é a mais pura das manifestações de sentimento que o espirito humano póde prestar a dois cultores das letras patrias.

*

* *

Dois annos haviam passado já por sobre a memoria saudosa do mestre querido, do velhinho estremecido, quando nos veiu surprehender a nova de que o dr. Braulio Caldas tinha morrido.

Pasmamos! Acontecimento tão doloroso veiu produzir no nosso espirito uma indisivel tristeza e julgamos então ter sido a morte devéras impiedosa cortando tão cedo a vida a quem precisava de ter tanta vida.

Mas a vida de Braulio Caldas, apóz a morte de seu tio o dr. Pereira Caldas, tornára-se um verdadeiro martyrio, sempre apoquentado e torturado pela mais intima saudade, sempre preoccupado pelo desejo extremo de venerar a memoria do seu inolvidavel tio.

E a vida foi-se-lhe lentamente desapparecendo, porque a saudade era tão funda, porque o sentimento era tão angustioso, que difficil lhe foi vencer a morte:—tombou sereno ao sopro agreste da sua funestissima rajada.

Depois, quando já o seu cadaver estava gelado, mais viva se nos reproduziu a saudade que sentimos ao recebermos a triste noticia do seu passamento, e pensamos na grandissima verdade contida no axioma philosophico, de que «o effeito é sempre da natureza da causa»:—Braulio Caldas morrêra, porque o dr. Pereira Caldas morrido havia tambem; a morte do sobrinho tinha sido effeito da morte do tio estremecido.

Descancem pois os dois que em vida tanto se amaram, cahindo sobre a sua memoria, por entre lagrimas amargas e ferventes preces, as bençãos d'aquelles que no mundo admiraram o talento, a bondade,—a sua alma.

A morte póde cortar-lhes a vida; não póde porém apagar-lhes a memoria.

Braga 17—X—906.

Vicente Braga.

Ao nosso inditoso Braulio

Faible tribut de sa douleur

O dia do teu passamento, que hoje é commemorado mui saudosamente pelos teus amigos, deixou em nossa alma uma memoria dolorida, para que não ha balsamo de conforto n'este mundo, e só se extinguirá quando te abraçarmos, na Eternidade.

A FAMILIA.

O DR. BRAULIO CALDAS NO ATAÚDE (cliché tirado ao 3.º dia da sua morte)

O seu grande amor

CELEBREM os jurisconsultos o advogado distincto que nos tribunaes fez echoar a sua voz eloquente, vibrante de sinceridade e de justiça; digam os poetas do poeta primoroso por quem murmuram ainda saudades as aguas do Mondego e do Visella que elle tanto amou; eu quero encara-lo por uma feição especial que constitue, quanto a mim, um dos melhores titulos de gloria do pobre Braulio.

O Braulio abrigava em si um grande amor que mal cabia no seu grande coração—era o amor da familia. Tinha uma aspiração—o bem estar dos que lhe deram o ser.

O pae e a mãe eram o seu enlevo nos momentos felizes e a sua grande dôr nas horas de amargura.

Quando nos reuniamos, no dia 18 de dezembro, a celebrar festivamente o anniversario natalicio do nosso commum e bom amigo, Albano Bellino, era sempre com lagrimas de commoção bem sentidas que o Braulio ouvia as nossas saudações aos dois velhinhos que elle extremosamente amava! E pode dizer-se que o Braulio foi um martyr d'esse amor.

Ninguem ignora que elle consagrava a seu tio, o dr. Pereira Caldas, um affecto filial. O tio morreu; o Braulio quiz conservar os livros que foram os amigos de tantos annos do tio querido...

E alli ficou, luctando, definhando-se, morrendo, para conservar um espolio, cujo valor real não correspondia ao valor estimativo que o Braulio lhe dava.

O facto é conhecido de muita gente, mas não me parece descabido que, ao commemorar a morte do infeliz amigo que tão cêdo nos deixou, se faça menção da sua grande virtude—o amor da familia—que, ao mesmo tempo que honra os que o cultivam, edifica e consola os que o contemplam.

O jurisconsulto distinguiu-se pelo seu talento, o poeta brilhou pelo seu genio, mas o homem commoveu-nos pelos primores do seu coração affectuoso.

Lux perpetua luceat ei.

Guimarães, Outubro—1906.

Padre Gaspar Roriz.

UMA CONFUSÃO

A TRADIÇÃO popular tem attribuido ao saudoso bohemio coimbrã Augusto Hylario, contemporaneo do nosso inolvidavel amigo em Coimbra, esta quadra:

Foge lua envergonhada,
Retira-te lá dos céus,
Que os olhos da minha amada
Tem mais brilho do que os teus.

Pois esta e uma outra que para aqui vamos transcrever foram escriptas por Braulio Caldas, em 1887; Augusto Hylario apenas lhe deu a alma, com a sua voz argentina.

Transcrevamos a poesia tal qual se encontra no livro inedito «Estudantinas d'Outr'ora»:

«Foge lua envergonhada,
Retira-te lá dos céus,
Que os olhos da minha amada
Tem mais brilho do que os teus.

Se tu és tão adorada,
Se tu és assim tão bella,
E' porque foste formada
Do brilho dos olhos d'ella.

Coimbra, 1887.

Braulio Caldas.»

BRAULITO

BRAULITO, — era assim como chamava o saudoso Dr. Braulio, ao seu afilhado, meu filho, creança de seis annos d'edade, — foi sempre o primeiro a acercar-se do carro de Vizella, pegando-lhe na mala de mão, que trazia com os livros, quando vinha a esta comarca defender arguidos de crimes, e *Braulito,* em taes occasiões, era como um *rei* pequeno, ninguem lhe chegava, andando alegre como nunca, tendo na sua companhia o seu querido *padinho,* que era o mais lindo dos meus compadres, o que affirmava a pé firme em continuas testilhas com seus irmãos e irmãs.

Um dia achava-me no tribunal em audiencia, e vejo entrar na sala descalço e a chorar *Braulito,* dizendo-me: «está ahi o carro de Vizella, e o cocheiro diz que morreu o meu querido *padinho.*»

Olhei para meu filho, sem chorar, porque já não tenho lagrimas ha muito, mas resignação para todos os golpes, e pensei o que é este mundo, mundo de perfeitos enganos.

D'antes, o meu *Braulito* annunciava-me alegre, risonho e contente, a vinda a Paços do meu querido amigo; n'aquelle dia a chorar, como que a dizer-me, que nem elle, nem eu, teriamos mais o prazer de o vêr aqui!

Assim era.

Nem o «Monte Cordova» de Camillo, que elle um dia percorreu, nem a Citania de Sam Fins, que admirou, e desejava um dia mostrar a seu querido tio, e já um e outro muito doentes (a tanto obriga o estudo e saber) teriam a sua visita!

Assim era.

Estava na sala onde elle tantas vezes conquistou verdes louros, e tudo me dizia: os triumphos, ainda os maiores, não valem nada ante o poder da morte.

Ella tudo destroe: corações bem formados, talentos previligiados, almas grandes, e tu, saudoso amigo, tudo isso possuias, como pouca gente.

Não podias ser uma excepção á regra; tambem tombaste á sepultura.

Queria, meu saudoso amigo, ter flôres mimosas para desfolhar hoje sobre a tua campa.

Não as tenho, porque o meu jardim é pequeno e pobre; mas, como a vontade de t'as offertar é grande, vou pedi-las d'emprestimo ao saudoso extincto juiz Dr. Costa Rebello, com quem tu e eu servimos.

Ellas ahi vão:

«Este seu parente é como o rouxinol; quanto mais e desafiam, mais canta, e nunca repete a cantiga.»

Isto me disse s. ex.ª na tua ausencia, falando a proposito d'uma tua defeza, em que te defrontaste brilhantissimamente com um advogado de merito de Santo Thyrso.

Ahi as tens.

Adeus, Braulio, eu ainda jornadeio por cá, á espera d'essa fatal hora.

Este mundo é todo cheio d'enganos.

A's vezes nem dá vontade de se viver n'elle.

No outro, tendo-se sido um justo, como foste, pae de muitos infelizes criminosos, não se estará peor.

Adeus.

Paços de Ferreira, 17—X—906.

J. Freitas Carneiro.

VERITAS

18—10—105

EM dezoito d'Outubro de 1905, deixou de existir entre nós o sabio illustre, o mavioso poeta, o mais prestimoso filho de Vizella.

Mas que?! O Dr. Braulio Caldas morreu?! Não: não morre a sciencia, não morre o talento, não morre a benemerencia, não morrem a Fé, a Esperança e a Caridade; não podia, pois, morrer o Dr. Braulio que era a sua personificação. O Dr. Braulio despediu-se de nós para ir receber das suas virtudes o premio que aqui, ingratos lhe negaram; pois que esse no dia da despedida poude dizer: «Bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavi. In reliquo reposita est mihi corona justitiae.»

Não. O Dr. Braulio só morreu para quem o não conheceu.

S. Miguel das Caldas, Outubro de 1906.

Abbade Bento Lopes de Carvalho.

NO livro inedito «Estudantinas d'Outr'ora», que o saudoso Braulio nos legou, encontramos uma oitava incompleta, sob o titulo de «Despedida», destinada a perpetuar a recordação d'um jantar do curso do 5.º anno theologico, havido no Bussaco em 1888.

O nosso bom amigo snr. Vicente Braga encarregou-se de completal-a:

«Viemos dar a ultima risada
Da nossa mocidade e gentileza.
Que contraste um adeus ser alvorada,
Rir-se a gente no meio da tristeza!
Pois aqui n'esta esplendida floresta
Onde medita e chora a solidão,
Não sei se póde haver *risos de festa,*
Se deve antes chorar o coração.»

Defunctus, adhuc loquitur

TODOS os dias recordo com immensa saudade a memoria querida do meu inolvidavel amigo, tão prematuramente roubado aos affectos da sociedade que lhe respeitava o talento e admirava os sons da lyra dedilhada por elle com mimo e arte.

Todos os dias fito o seu retrato collocado junto do meu leito, e quando o meu espirito se eleva a Deus, uma prece fervorosa dedico áquelle justo, que sendo tão bondoso só encontrou no mundo quem o martyrisasse.

Que a tua alma encontrasse no Empyrio a palma destinada aos bons.

Que a tua memoria seja sempre respeitada por todos quantos só de ti receberam provas inequivocas de carinho e affecto.

Que a tua querida Visella não olvide jámais o grande amor que lhe devotaste, e em breve se manifeste altivamente, erigindo o teu busto n'uma das suas praças.

Acceita pois, amigo, no primeiro anniversario da tua morte o orvalho das minhas lagrimas sentidas, como preito da amisade que sempre te consagrei e que durante a vida fraternalmente nos ligou.

Braga, Outubro de 1906.

José M. P. Guimarães.

RECORDAR os ausentes é avivar as saudades, é reviver com elles.

Mas quando esses ausentes já transpozeram os umbraes de além tumulo e são da estatura moral como foi a do que em vida se chamou Braulio Caldas, então, recordal-os é mais que isso — é buscar alentos para uma vida, toda de bondade e honra, é procurar incitamentos para nos tornarmos dignos do respeito e gratidão dos nossos similhantes, pelo nosso talento e pelas nossas virtudes.

Porque Braulio Caldas, o saudoso morto cujo anniversario luctuoso hoje se commemora, e cuja campa hoje se cobre com as flôres das nossas fundas saudades, de tudo isso foi exemplo vivo.

E é por isso que a posteridade passando por seu tumulo descobrir-se-ha respeitosa ao lêr o seu epitaphio:

— Aqui jaz um Bom —

Braga, 17—X—906.

Jacintho Fernandes.

A SUA CAMPA

A campa que encerra os funebres despojos do nosso desditoso director no cemiterio de S. Miguel de Visella, encontra-se sempre juncada de flôres, tributo este de saudade prestado pela familia do inolvidavel poeta.

Vê-se alli tambem o seu retrato em tamanho natural, tendo uma cruz levantada com estas quadras de Braulio Caldas:

Um braço aponta o Poente,
Sol que morre—Escravidão!
Outro aponta o Oriente,
Sol que nasce—Redempção!

Sobre o tronco do madeiro
O Justo martyrisado,
Que remira o mundo inteiro
Das maldições do Passado!

Envolve-o o sancto Sudario
Mortalha da immensa Dôr!
Firme á rocha do Calvario
E' Egualdade, é Paz, é Amôr!

Um nobre pensamento!

BRAULIO Caldas fallava um dia, em Vizella, sobre o casamento; alguem disse-lhe:

—V. não casa, dr.?

—Não; mas se me casasse, escolheria para minha esposa a mulher profundamente crente.

—E porque?

—Porque ella seria no futuro a educadora dos meus filhos; e só da mulher essencialmente christã é que póde nascer a verdadeira mãe.

Editor—José M. P. Guimarães.

Braga—Imprensa Commercial—1906.